

Isabelle Cerqueira Sousa
(Organizadora)

SAÚDE COLETIVA:

Face a face com a interdisciplinaridade

2



Atena
Editora
Ano 2021

Isabelle Cerqueira Sousa
(Organizadora)

SAÚDE COLETIVA:

Face a face com a interdisciplinaridade

2



Atena
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes editoriais

Natalia Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Rio de Janeiro
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federac do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Saúde coletiva: face a face com a interdisciplinaridade 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizadora: Isabelle Cerqueira Sousa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S255 Saúde coletiva: face a face com a interdisciplinaridade 2 / Organizadora Isabelle Cerqueira Sousa. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-427-3

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.273212508>

1. Saúde pública. 2. Ciências da saúde. 3. Interdisciplinaridade. I. Sousa, Isabelle Cerqueira (Organizadora). II. Título.

CDD 362.1

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

A coleção **Saúde coletiva: face a face com a interdisciplinaridade** é uma coletânea composta por dois volumes, que tem na segunda obra uma variedade de assuntos relacionados a saúde, teremos por exemplo os títulos: - PLANIFICASUS como estratégia para organização de Redes de Atenção à Saúde; - Conhecimento e habilidades dos trabalhadores do NASF para manejo das doenças ocupacionais; - O plantão psicológico como um instrumento de cuidado na Atenção Básica: práticas e desafios; - Promoção e prevenção sobre câncer do colo uterino em uma unidade básica de saúde: um relato de experiência.

Nessa edição teremos também capítulos que apresentarão estudos sobre a saúde da pessoa idosa, como por exemplo: a experiência do “Consultório na rua” de Taguatinga no resgate à saúde do idoso com transtorno mental e o estudo sobre a “relação entre a força muscular e a composição corporal em idosos comunitários ativos.”

Essa obra também oportuniza leituras sobre os “Indicadores epidemiológicos de hanseníase em um Serviço Público de Saúde”; - “Perfil epidemiológico da Esporotricose humana em Pernambuco (Brasil)”; - “Uso do método de regressão linear para análise epidemiológica da progressão das notificações de infecção por Sífilis e simulação da evolução da doença no município de São Luís, no Maranhão (Brasil)”; - “Evolução dos casos de Dengue nas regiões do Brasil (2015 a 2020)”; - “Telas com inseticida protegem contra Febre Amarela”; - “Febre Amarela no Brasil: os fatores para a reemergência” situação de importante reflexão para estímulo a políticas públicas de saúde”; - “Introdução da alimentação complementar saudável para menores de dois anos”; - Vigilância sanitária orienta e certifica pequenos agricultores”; - “Centro cirúrgico: desafios da cirurgia segura e o trabalho em equipe”; - “Os benefícios do microagulhamento no tratamento das disfunções estéticas”; - “Projeto de intervenção para aumentar a adesão ao Exame Citopatológico em uma Unidade de Estratégia de Saúde da Família.”

Deste modo a obra “Saúde coletiva: face a face com a interdisciplinaridade” apresenta estudos, discussões, revisões, relatos de experiências obtidos pelos diversos professores e acadêmicos, que desenvolveram seus trabalhos de maneira concisa e didática. Sabemos o quão importante é a divulgação científica, por isso evidenciamos também a estrutura da Atena Editora capaz de oferecer uma plataforma consolidada e confiável para estes pesquisadores exporem e divulguem seus resultados.

Uma ótima leitura a todos!


Isabelle Cerqueira Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

PLANIFICASUS COMO ESTRATÉGIA PARA ORGANIZAÇÃO DE REDES DE ATENÇÃO À SAÚDE

Aline Teles de Andrade
Ilana Eshriqui
Evelyn Lima de Souza
Larissa Karollyne de Oliveira Santos
Emanuela Brasileiro de Medeiros
Marcio Anderson Cardozo Paresque

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2732125081>

CAPÍTULO 2..... 4

CONHECIMENTO E HABILIDADES DOS TRABALHADORES DO NASF PARA MANEJO DAS DOENÇAS OCUPACIONAIS

Máisa Miranda Coutinho
Lohana Guimarães Souza
Mariana Medrado Martins
Aurilecy Máira Balduino Cardoso Macêdo
Maria Luiza Caires Comper

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2732125082>

CAPÍTULO 3..... 14

O PLANTÃO PSICOLÓGICO COMO UM INSTRUMENTO DE CUIDADO NA ATENÇÃO BÁSICA: PRÁTICAS E DESAFIOS


Zayra Maria do Rosário Silva Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2732125083>

CAPÍTULO 4..... 29

PROMOÇÃO E PREVENÇÃO SOBRE CÂNCER DO COLO UTERINO EM UMA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Kewinny Beltrão Tavares
Lais Gadelha Oliveira
Keylia Priscila Neves Goiabeira
Eloane Gomes da Silva
Anna Klara da Silva Teles
Hilda Silva de Assunção
Sara Reges Lucindo
Andressa Rafaela Amador Maciel Magalhães
Adria Mayara Pantoja Nogueira


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2732125084>

CAPÍTULO 5..... 33

INDICADORES EPIDEMIOLÓGICOS DE HANSENÍASE EM UM SERVIÇO PÚBLICO DE SAÚDE

Kaoma Ludmila Pimenta Camargos

Kezia Danielle Leite Duarte
Vilma Silva Lima
Raynara Laurinda Nascimento Nunes
Bruna Renata Duarte Oliveira
Karine Suene Mendes Almeida Ribeiro
Andressa Prates Sá
Weidny Eduardo de Sousa Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2732125085>

CAPÍTULO 6..... 40

CENTRO CIRÚRGICO: DESAFIOS DA CIRURGIA SEGURA E O TRABALHO EM EQUIPE


Rogério de Moraes Franco Júnior
Acleverson José dos Santos
Carine Ferreira Lopes
Renata de Oliveira
Emerson Gomes de Oliveira
Magda Helena Peixoto
Heliamar Vieira Bino
Juliana Sobreira da Cruz
Júnia Eustáquio Marins
Lídia Fernandes Felix
Mariana dos Santos Machado Pereira
Thays Peres Brandao

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2732125086>

CAPÍTULO 7..... 49

CONSULTÓRIO NA RUA DE TAGUATINGA NO RESGATE À SAÚDE DO IDOSO COM TRANSTORNO MENTAL

Ana Rosa Pessoa Peixoto Barreto
Heleura cristina de Oliveira


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2732125087>

CAPÍTULO 8..... 52

RELAÇÃO ENTRE A FORÇA MUSCULAR E A COMPOSIÇÃO CORPORAL EM IDOSOS COMUNITÁRIOS ATIVOS

Cristianne Confessor Castilho Lopes
Marilda Morais da Costa
Juliane Jesus dos Santos
Antonio Vinicius Soares
Elis Kolling
Gleice Reinert
Daniela dos Santos
Paulo Sérgio Silva
Tulio Gamio Dias
Eduardo Barbosa Lopes
Alessandra Novak
Láisa Zanatta


Vanessa da Silva Barros
Talitta Padilha Machado
Liamara Basso Dala Costa
Heliude de Quadros e Silva
Youssef Elias Ammar

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2732125088>

CAPÍTULO 9..... 61

EVOLUÇÃO DOS CASOS DE DENGUE NAS REGIÃO DO BRASIL NO PERÍODO DE 2015 A 2020


Elisa Kalil
Gabriela Accampora Fortes
Valmir Dal Mass Junior
Pedro Augusto Horbach Salzano
Jussara Alves Pinheiro Sommer
Eliane Fraga da Silveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2732125089>

CAPÍTULO 10..... 72

TELAS COM INSETICIDA PROTEGEM CONTRA FEBRE AMARELA


Romario Gabriel Aquino
Eliezer Estevam de Barros Junior
Filipe Pereira Borges
Mário Sérgio Ribeiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.27321250810>

CAPÍTULO 11..... 78

FEBRE AMARELA NO BRASIL: OS FATORES PARA A REEMERGÊNCIA

Elysa Alencar Pinto
Júlia Regis Rodrigues Vaz Teixeira
Zelinda Maria Braga Hirano
Luísa Regis Rodrigues Vaz Teixeira
Elizabeth Schwegler
Juliano Santos Gueretz






 <https://doi.org/10.22533/at.ed.27321250811>

CAPÍTULO 12..... 90

INTRODUÇÃO DA ALIMENTAÇÃO COMPLEMENTAR SAUDÁVEL PARA MENORES DE DOIS ANOS

Bruna Melo Amador
Ana Paula Lobo Trindade
Mário Ribeiro da Silva Júnior

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.27321250812>

CAPÍTULO 13.....	96
VIGILÂNCIA SANITÁRIA ORIENTA E CERTIFICA PEQUENOS AGRICULTORES	
Vanessa Sampaio Fonseca	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.27321250813	
CAPÍTULO 14.....	99
PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA ESPOROTRICOSE HUMANA EM PERNAMBUCO	
Mayke Felipp de Araújo Martins	
Cristiane de Albuquerque Silva Ratis	
Emmily Fabiana Galindo de França	
Leila Karina de Novaes Pires Ribeiro	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.27321250814	
CAPÍTULO 15.....	110
USO DO MÉTODO DE REGRESSÃO LINEAR PARA ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DA PROGRESSÃO DAS NOTIFICAÇÕES DE INFECÇÃO POR SÍFILIS E SIMULAÇÃO DA EVOLUÇÃO DA DOENÇA NO MUNICÍPIO DE SÃO LUÍS – MA	
Caroline Vanessa Santos Torres	
Maria Lucia Lima Cardoso	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.27321250815	
CAPÍTULO 16.....	117
PROJETO DE INTERVENÇÃO PARA AUMENTAR A ADESÃO AO EXAME CITOPATOLÓGICO EM UMA UNIDADE DE ESTRATEGIA DE SAÚDE DA FAMÍLIA	
Maria Paula Santos Domingues	
Camila Lemler Cani	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.27321250816	
CAPÍTULO 17.....	122
OS BENEFÍCIOS DO MICROAGULHAMENTO NO TRATAMENTO DAS DISFUNÇÕES ESTÉTICAS	
Maria de Lourdes de Sousa Frederico	
Isabelle Cerqueira Sousa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.27321250817	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	133
ÍNDICE REMISSIVO.....	134

EVOLUÇÃO DOS CASOS DE DENGUE NAS REGIÃO DO BRASIL NO PERÍODO DE 2015 A 2020

Data de aceite: 23/08/2021

Elisa Kalil

Universidade Luterana do Brasil
Canoas - RS
<http://lattes.cnpq.br/6953083518140128>

Gabriela Accampora Fortes

Universidade Luterana do Brasil
Canoas - RS
<http://lattes.cnpq.br/0174306629459132>

Valmir Dal Mass Junior

Universidade Luterana do Brasil
Canoas - RS
<http://lattes.cnpq.br/9896731407213169>

Pedro Augusto Horbach Salzano

Universidade Luterana do Brasil
Canoas - RS
<http://lattes.cnpq.br/0423043613316233>

Jussara Alves Pinheiro Sommer

Universidade Luterana do Brasil
Canoas - RS
<http://lattes.cnpq.br/4342692596958448>

Eliane Fraga da Silveira

Universidade Luterana do Brasil
Canoas - RS
<http://lattes.cnpq.br/4388826053824317>

RESUMO: A dengue é uma das principais doenças infecciosas representando um grande problema de saúde pública no Brasil e no mundo, tem ocorrência, principalmente, em regiões tropicais e subtropicais. A transmissão

ocorre, principalmente, pela picada de mosquitos (*Aedes aegypti*), este vetor possui distribuição predominantemente em áreas urbanas e semiurbanas. O trabalho teve como escopo analisar o número de casos confirmados de dengue no Brasil. Trata-se de um estudo ecológico, transversal e retrospectivo, abrangendo os registros de dengue no período de 2015 a 2020, os dados foram obtidos do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan Online) disponibilizados pelo Ministério da Saúde por meio do sítio eletrônico do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (TABNET-DATASUS). As regiões do Brasil foram afetadas de forma diferente, as regiões sudeste, nordeste e centro-oeste apresentaram número de casos mais elevado entre os anos de 2015 e 2019. No ano de 2020, a região sudeste continuou em evidência, mas a região sul também apresentou uma elevação no número de contaminados. Em relação à faixa etária e sexo, foi possível observar que os adultos entre 20 e 39 anos e as mulheres foram os mais afetados pela doença em todos os anos analisados. Devido a isso, é possível identificar a importância de políticas públicas para alterar essa realidade e combater a contaminação no país.

PALAVRAS-CHAVE: Dengue, Saúde Pública, *Aedes*.

EVOLUTION OF DENGUE CASES IN THE BRAZILIAN REGION IN THE PERIOD FROM 2015 TO 2020

ABSTRACT: Dengue is one of the main infectious diseases representing a major public health

problem in Brazil and in the world, occurring mainly in tropical and subtropical regions. The transmission occurs mainly through the bite of mosquitoes (*Aedes aegypti*), the vector is predominantly distributed in urban and semi-urban areas. The work aimed to analyze the number of confirmed cases of dengue in Brazil. This is an ecological, cross-sectional study, covering dengue records from 2015 to 2020, the data were obtained from the Notifiable Diseases Information System (Sinan Online) by the Ministry of Health through the Information System of the Unified Health System (TABNET-DATASUS). Regions in Brazil were affected differently, the Southeast, Northeast and Midwest regions had the highest number of cases between the years 2015 and 2019. In 2020, the Southeast region continued to be in evidence, but the South region also showed an increase in the number of contaminated. Regarding age and gender, it was possible to observe that adults between 20 and 39 years old and women were the most affected by the disease in all years analyzed. Because of this, it is possible to identify the importance of public policies to change this reality and fight contamination in the country.

KEYWORDS: Dengue, Public Health, *Aedes*.

1 | INTRODUÇÃO

A dengue é uma doença viral cujos vetores são as espécies *Aedes albopictus*, *Aedes polynesiensis* e *Aedes aegypti*, sendo esta última encontrada nas Américas (TEIXEIRA; BARRETO; GUERRA, 1999). É importante destacar que a grande prevalência e a dificuldade do controle da doença no Brasil são causadas por diversos fatores que favorecem a expansão e a manutenção da circulação do vírus e seus vetores (MACIEL; JÚNIOR; MARTELLI, 2008).

A expansão geográfica da dengue e o aumento da incidência de casos têm sido frequentemente relacionados a fatores climáticos. Efeitos do aquecimento global e os fenômenos *el niño* e *la niña*, contribuem na mudança no regime das chuvas e produzem alterações na biodiversidade dos países em desenvolvimento, nas regiões tropicais e subtropicais, facilitando a permanência do seu principal transmissor, o *Aedes aegypti* (MACIEL; JÚNIOR; MARTELLI, 2008). Grande parte do território brasileiro encontra-se na zona intertropical, apresentando intensa insolação, temperaturas médias anuais elevadas, alta pluviosidade e altos valores de umidade relativa do ar ao longo do ano. Todos estes fatores são considerados, segundo De Almeida (2018), condicionantes climáticos favoráveis à proliferação do vetor e disseminação da dengue.

Outros fatores na propagação desta arbovirose são os condicionantes socioambientais. O acesso e qualidade dos serviços de abastecimento de água têm sido também apontados como determinantes da transmissão (BARCELLOS, 2005). A dificuldade no acesso a água da rede geral, pela população, gera uma mudança de comportamento. Ocorre a necessidade de estocar água para garantir o suprimento, principalmente em períodos de seca. Os reservatórios inadequados e improvisados tornam-se, locais propícios à procriação do vetor. O descarte inadequado de resíduos sólidos, como carcaças de carros

e outros distintos e diversos objetos dispostos no ambiente tornam-se criadouros para o *Aedes aegypti*.

Nas cidades, principalmente, em áreas sem coleta de lixo, com adensamento populacional e grande geração de resíduos sólidos, tornam-se grandes responsáveis para a ocorrência dos casos de dengue (DE ALMEIDA; DA SILVA, 2018). A infraestrutura urbana inadequada como saneamento básico, habitação deficiente, reservatórios de água inadequados contribui para ocorrências de dengue. A expansão das cidades decorrente sobretudo da migração rural-urbana nas últimas décadas e da ausência de políticas públicas, dificulta o controle vetorial (MACIEL; JÚNIOR; MARTELLI, 2008). Paralelamente, a presença de focos do mosquito também ocorre em áreas de maior renda (BARCELLOS, 2005), por conta do estilo de vida associado a maior renda e consumo dos moradores. A mobilidade das populações, por meio de viagens de lazer e trabalho, também é uma variável de contaminação.

Acredita-se que cidades brasileiras são escassas de estudos que relacionem aspectos da paisagem, como o uso e cobertura do solo, com os casos de dengue. Apesar de não explicar totalmente os casos registrados, o processo de urbanização influencia significativamente sobre o número de fêmeas do mosquito vetor e, conseqüentemente, no número de casos. Em um estudo realizado em Porto Alegre, RS, os bairros que apresentaram menor cobertura vegetal e maior área de uso antrópico (edificações) foram os mais suscetíveis ao aparecimento da doença (PENSO-CAMPOS et al, 2018). Os principais fatores de disseminação da doença, indicados na pesquisa foram a pluviosidade concomitante a temperaturas elevadas que atuam na eclosão dos adultos, a variedade de opções de criadouros para desenvolvimento das larvas e a urbanização. O estudo concluiu que quanto menor a taxa de urbanização dos bairros e maior a disponibilidade de áreas verdes, que tendem a apresentar menos criadouros dos vetores, menor a tendência para o número de casos de dengue, provavelmente devido a manutenção de inimigos naturais das larvas e adultos (PENSO-CAMPOS et al, 2018).

O Brasil é o país das Américas mais afetado em número de casos de dengue, sendo responsável por, aproximadamente, 70% dos casos notificados. Em análise retrospectiva, entre 2006 (345.922 casos) e 2007 (559.954 casos) houve um aumento de 61,9% na notificação da doença. Este crescimento está associado, principalmente, à epidemia no Mato Grosso, no ano de 2007. A mortalidade provocada por dengue aumentou de 77 óbitos, em 2006, para 158, em 2007. Nesse período cinco estados, apresentaram maior número de casos; Mato Grosso, Paraná, São Paulo, Pernambuco e Rio de Janeiro (MACIEL; JÚNIOR; MARTELLI, 2008).

De janeiro a abril de 2008, houve redução na incidência da doença em comparação com o mesmo período do ano anterior. Todavia, a incidência variou conforme a região do país. Nas regiões Sul e Centro Oeste, houve uma redução acentuada de 72,6% e 71,1%, respectivamente. Nas regiões Norte, Nordeste e Sudeste, houve aumento de 49,3%, 30,5%

e 19,8%, respectivamente (MACIEL; JÚNIOR; MARTELLI, 2008).

Segundo o Boletim Epidemiológico de 2014 da Secretaria de Vigilância em Saúde, foram registrados, 511.080 casos prováveis de dengue no país. Observando a distribuição por região, a Sudeste teve o maior número de casos (57,7%), seguida das regiões Centro-Oeste (19,8%), Nordeste (14%), Sul (4,8%) e Norte (3,7%). Em comparação com o mesmo período do ano anterior, observa-se redução de 63,3% dos casos no país.

Com a adoção da nova classificação de casos de dengue da OMS no Brasil, que ocorreu em 2014, não é possível realizar comparação direta dos casos graves com o ano de 2013. Anteriormente adotava-se as seguintes classificações: Febre Hemorrágica da Dengue (FHD), Síndrome do Choque da Dengue (SCD) e Dengue com Complicações (DCC). Em 2014, foram confirmados 473 casos de dengue grave e 6.553 casos com sinais de alarme. A região que apresentou maior número de registros em ambas as categorias, foi a região Sudeste, com 43,5% e 76,5% respectivamente. Houve uma redução de 51% no número de óbitos no país entre 2013 (603 óbitos) e 2014 (295 óbitos). No ano de 2014 todos os casos notificados do estado de Santa Catarina foram importados.

A pesquisa teve como escopo analisar os casos de Dengue registrados para as regiões do Brasil, no período de 2015 a 2020, considerando que a dengue é uma Doença Negligenciada (DN) e um problema de Saúde Pública. No Brasil, é caracterizada como um agravo de veiculação hídrica, pois a transmissão está associada ao mosquito *Aedes aegypti*. Assim, é relevante, para a tomada de decisão dos estados e municípios, fornecer o embasamento para as ações urgentes de prevenção à doença e combate ao vetor nos locais mais suscetíveis.

2 | MÉTODO

Trata-se de um estudo ecológico, descritivo e retrospectivo, abrangendo os registros de dengue no período de 2015 a 2020. Os dados foram obtidos do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan Online) disponibilizados pelo Ministério da Saúde por meio do sítio eletrônico do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (TABNET-DATASUS). As variáveis analisadas foram número de casos de dengue, faixa etária, sexo e região do Brasil, no período consultado. As informações foram organizadas em tabelas e gráficos no programa Excel. As tabelas foram organizadas a partir do critério Região/Unidade de Federação de Notificação. Para os cálculos de percentagem entre os sexos e idade, as categorias de Brancos/Ignorados foram somadas. Essa pesquisa utilizou dados secundários disponíveis em sites oficiais do Ministério da Saúde do Brasil sem identificação de sujeitos, sendo dispensado de apreciação em comitê de ética em pesquisa, em conformidade com a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

3 I RESULTADOS

No período analisado, de 2015 a 2020, foi observada uma variação no número de casos registrados entre os anos e as regiões. A região Sudeste contabilizou os maiores números com 61,9% (1.052.952) e 56,96% (1.019.134), em 2015 e 2016, respectivamente. Em 2017, os maiores percentuais de casos de Dengue ocorreram na região Nordeste (34,9%) e Centro-Oeste (32,9%). No ano de 2018, a região Centro-Oeste concentrou o maior número de casos (40,3%). Em 2019, a região Sudeste voltou a ter maior número de casos, apresentando 65,6%, e as demais regiões apresentara queda. No ano de 2020, todas as regiões tiveram uma queda no número de casos (Tabela 1).

Região	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Norte	1,9 (32174)	2,5 (38543)	9,0 (21980)	6,7 (17675)	2,3 (35998)	2,6 (25261)
Nordeste	19,4 (329738)	21,5 (325046)	34,9 (84830)	25,1 (66511)	13,8 (214022)	15,7 (151924)
Sudeste	61,9 (1052952)	57,0 (863010)	22,1 (53815)	27,4 (72620)	65,6 (1019134)	31,9 (309323)
Sul	3,1 (52227)	4,7 (71183)	1,1 (2601)	0,7 (1737)	3,1 (48708)	29,2 (282994)
Centro-Oeste	13,7 (233233)	14,3 (217078)	32,9 (80022)	40,3 (106917)	15,2 (236220)	20,6 (199411)

Tabela 1: Percentagem e número absoluto de casos de dengue registrados por região do Brasil, no período de 2015 a 2020, dados obtidos do Sistema Nacional de Agravos de Notificação (SINAN).

Analisando a flutuação no número de casos entre as regiões, observa-se que na região Sudeste o número de casos em 2017 e 2018 foi menor que as regiões Nordeste e Centro-Oeste, entretanto em 2019 o número foi o mais elevado na série analisada (65,6%). Observa-se que em 2020, todas as regiões tiveram uma queda no número de casos. Entretanto, a região Sudeste apresentou a maior percentagem de infectados com 31,9%, e a região Sul com 29,2% de infectados (Figura 1).

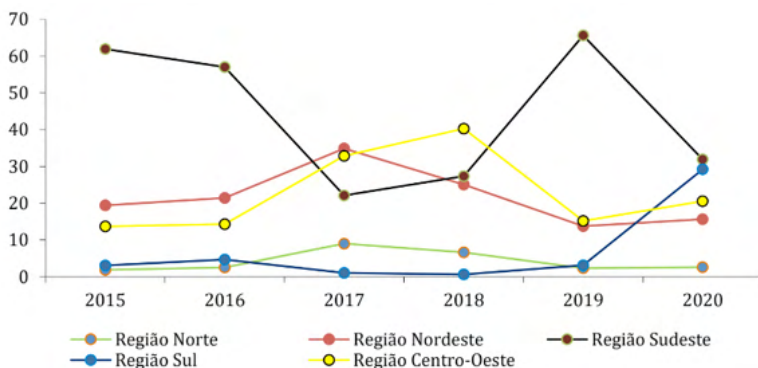


Figura 1. Percentagem de casos de dengue registrados por região do Brasil, no período de 2015 a 2020, dados obtidos do Sistema Nacional de Agravos de Notificação (SINAN).

Em relação à faixa etária dos infectados com dengue no Brasil, observa-se a presença de crianças com idade abaixo de 1 ano e idosos com igual ou mais de 80 anos (Figura 2). A faixa etária mais acometida pela dengue está entre 20 e 59 anos. entretanto, na faixa entre 20 e 39 anos, ocorrem os maiores percentuais da série analisada, com mínima de 37,5% (2019) à uma máxima de 39,9% (2017), ou seja, quase 40% dos infectados no ano de 2017 encontra-se nesta faixa etária. A faixa de 40 a 59 anos teve uma variação de 22,4% (2017) a 27,5% (2020). Outro dado relevante, é o número de brancos e ignorados no banco de dados atingindo 1,1% em 2016, o que corresponde a 18.689 casos de dengue sem a informação da idade.

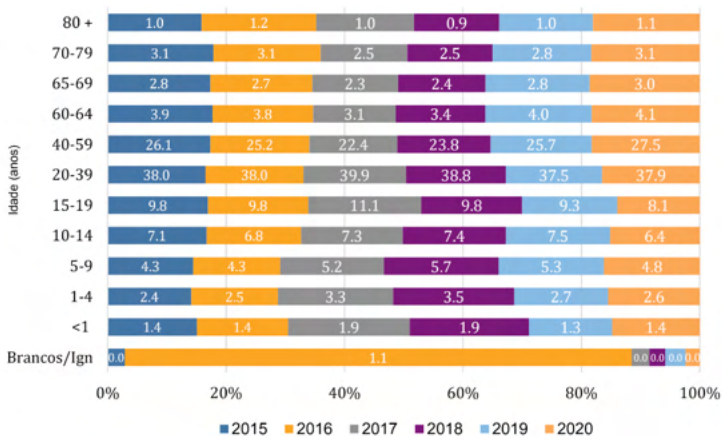


Figura 2. Percentagem de casos de dengue registrados por faixa etária no Brasil, no período de 2015 a 2020, dados obtidos do Sistema Nacional de Agravos de Notificação (SINAN).

Com relação ao sexo dos infectados, observa-se a predominância das mulheres, em todos os anos analisados. O sexo feminino teve o percentual acima de 50% (Figura 3). Os dados de brancos/ignorados, em relação ao sexo, apresentaram valores entre 0,2% e 01% e, portanto, não aparecem na Figura 3, por serem valores muito baixos. Em relação aos dados absolutos, em 2015, foram notificadas 3.776 pessoas com dengue que não tiveram o registro do sexo. No ano de 2020, foram 2.039 indivíduos sem o registro desta categoria no sistema do SINAN.

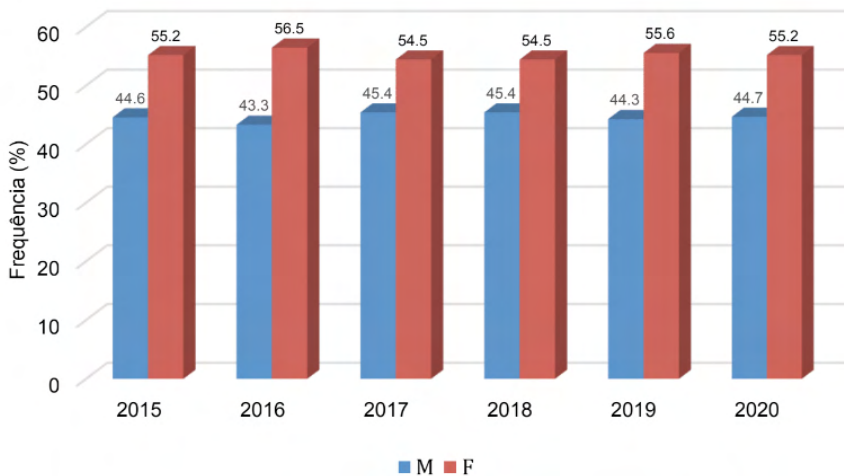


Figura 3. Percentagem de casos de dengue registrados por sexo no Brasil, no período de 2015 a 2020, dados obtidos do Sistema Nacional de Agravos de Notificação (SINAN).

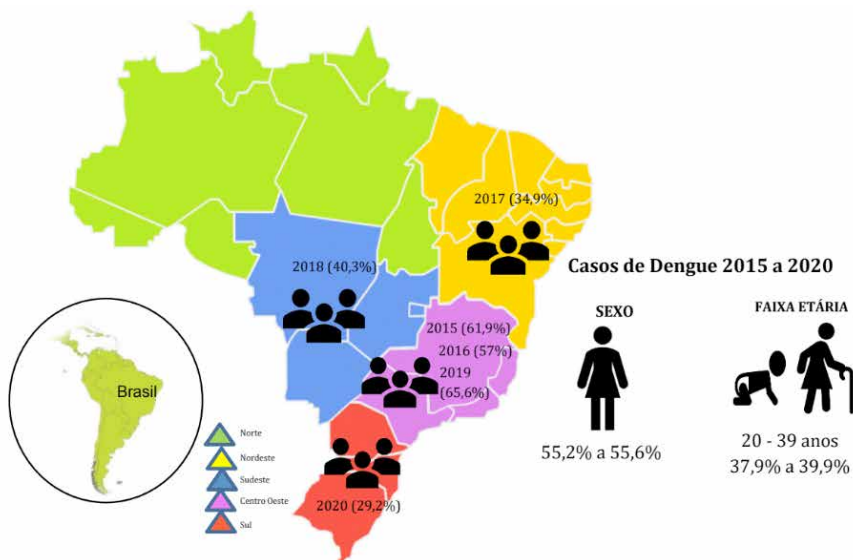


Figura 4. Análise do período analisado dos casos de dengue registrados por região, faixa etária e sexo no Brasil, no período de 2015 a 2020, dados obtidos do Sistema Nacional de Agravos de Notificação (SINAN).

4 | DISCUSSÃO

Segundo o Boletim Epidemiológico de Vigilância em Saúde de 2015, o pico de incidência de casos de dengue na Região Sudeste foi observado no mês de abril (BRASIL, 2015). O período de novembro a março é responsável, em média, por 72% do volume de chuva total anual na região do Sistema Cantareira (São Paulo). Entretanto, entre 2014 e

2015, a Região Sudeste apresentou uma crise hídrica que reduziu o abastecimento de água da população residente na região metropolitana de São Paulo (MARENGO; NOBRE; SELUCHI, et al, 2015) (Figura 4).

Em situações em que há vulnerabilidade e risco no fornecimento de água para a população, muitos indivíduos armazenam água em depósitos domésticos, os quais podem se tornar criadouros para o mosquito *Aedes aegypti* (CLARO; TOMASSINI; ROSA, 2003). É possível supor que o registro de 61,92% nos casos de dengue registrada no período de 2015 a 2020, esteja associado ao comportamento da população no armazenamento doméstico de água favorecendo a proliferação do mosquito. Além disso, a presença de maior quantidade de mosquitos apresenta relação com temperaturas mais elevadas (PENSO-CAMPOS; FRAGA; CALDAS, et al, 2018). Assim, também é possível supor que a temperatura contribuiu para o aumento de casos registrada na Região Sudeste.

O número significativo de casos de dengue na região Sudeste, durante o período de 2015 a 2020, pode ser associada à elevada densidade demográfica, à desigualdade socioeconômica, a deficiência dos equipamentos urbanos e políticas de gestão das cidades e, também a mobilidade dos indivíduos dentro e fora do território brasileiro. A dengue migrou para o interior dos estados na região sudeste, sendo, observando um aumento na incidência de casos em municípios pequenos (Figura 4).

A região Nordeste também apresenta uma prevalência relevante de casos. O A dengue apresenta aumento no número de casos durante o período chuvoso da região. Na região Nordeste o aumento no número notificação de casos ocorre no segundo trimestre do ano. O litoral da região, é mais urbanizado e possui uma concentração populacional significativa, apresenta clima tropical úmido, o qual é definido por chuvas nesse período. Em 2017, a região Nordeste registrou a maior porcentagem de dengue por causa da redução na notificação de casos da região Sudeste, o que modifica a análise de prevalência da doença por região (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2019) (Figura 4).

Em 2020, foi identificado o aumento no número de casos de dengue no litoral do Paraná, durante a pandemia de Covid-19 (DA SILVA; MÉLO; BUENO, et al, 2020). É possível supor que as regiões Sudeste e Sul que apresentaram taxas mais elevadas de dengue durante a pandemia de Covid-19 à redução na atenção aos cuidados básicos de controle de criadouros e dos vetores.

Em relação ao sexo, as mulheres são mais afetadas pela doença. Isso pode estar relacionado com a maior permanência nas residências, principalmente durante o dia, o que as torna mais expostas ao vetor. Outra explicação para o alto número de mulher acometidas está relacionada com o autocuidado, elas procuram mais o serviço de saúde, permitindo a identificação e notificação das doenças no sistema de saúde (PAIXÃO; OLIVEIRA; SOUZA, 2018) (Figura 4).

Corroborando com os dados do estudo de Ribeiro, et al. (2006), em São Sebastião, no estado de São Paulo, as porcentagens aumentaram com a idade, entre a faixa etária

de 20 a 39 anos, demonstrando um decréscimo no número de casos em idades mais avançadas. De acordo com IBGE (2010), na análise da idade, rendimento dos moradores, e a relação com as características do entorno dos domicílios nas áreas urbanas do país, constatou que crianças e adolescentes, estão mais expostos a situações de risco para a saúde. Com 15,1% das crianças (0 a 4 anos) vivem em áreas com esgoto a céu aberto, 6,4% estão em locais com acúmulo de lixo nos logradouros. Os percentuais de indivíduos com idade de 5 a 9 anos e entre 10 a 14 anos de idade que estão em contato com esgoto a céu aberto são 15,0% e 14,7% respectivamente e, em contato com acúmulo de lixo é, muito semelhante, com 6,4% e 6,2%.

5 | CONCLUSÃO

O ano de 2020 foi marcado pelo direcionamento dos esforços de órgãos públicos para controlar a disseminação do novo coronavírus, situação que levou a uma menor atenção para as doenças endêmicas do Brasil. O reflexo desse menor cuidado foi um aumento no número de casos de Dengue no Brasil, no ano de 2020, indicando uma possível redução nas políticas e ações no controle do vetor da doença. A região Sudeste, foi exceção, pois apresentou uma queda no número de casos em comparação com o ano anterior.

A região Sul apresenta um aumento relevante em retrospectiva dos últimos quatro anos. A contribuição pode ser atribuída aos novos casos no litoral do Paraná e um menor direcionamento das políticas públicas relacionadas à dengue, sendo necessário maiores estudos dos fatores que levaram a essa alta da incidência. As regiões Norte e Nordeste apresentaram redução no número de casos em 2020 em relação a todo o período analisado, exceto na comparação com o ano 2019, que mostrou um pequeno aumento. Na região Centro-Oeste observa-se estabilidade nos casos. Entretanto, houve aumento na comparação entre 2019 e 2020.

Existe uma estabilidade na quantidade de casos na comparação entre as faixas etárias analisadas no período de 2015 a 2020, com um maior acometimento nas pessoas entre 20 e 39 anos. Um aumento progressivo pode ser observado nas pessoas infectadas com idade entre 40 e 59 anos nos anos entre 2017 e 2020. Na comparação entre o sexo dos infectados, existe uma maior contaminação de pessoas do sexo feminino em todo o período analisado, podendo ser relacionado a uma maior permanência em ambientes domésticos ou maior procura dos serviços de saúde por essa população, logo, um número maior de diagnósticos e notificações.

O Brasil um país endêmico para a Dengue, devido à grande extensão territorial, a diversidade das condições ambientais, socioeconômicas, de saneamento e acesso aos serviços de saúde. E, portanto, é relevante a necessidade de ampliar e manter políticas públicas e estruturas de controle, combate e assistência às doenças negligenciadas em geral e, especificamente, a Dengue é necessário observa-se que no período analisado,

os casos de se mantem em número elevado, com variações sazonais entre as regiões. A possível redução e atuação no controle de vetores da Dengue durante a pandemia de Covid-19, nas distintas esferas de governo, pode se tornar mais um fator de agravo desta doença.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Christovam; PUSTAI, Adelaide Kreutz; WEBER, Maria Angélica; BRITO, Maria Regina Varnieri. Identificação de locais com potencial de transmissão de dengue em Porto Alegre através de técnicas de geoprocessamento. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v. 38, n. 3, p. 246-250, 2005. Acesso em 18 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico**, v. 54, n. 19, 2014. Disponível em: <<https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2014/setembro/01/Boletim-Dengue-SE32.pdf>>. Acesso em 18 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Monitoramento dos casos de dengue, febre de chikungunya e febre pelo vírus Zika até a Semana Epidemiológica 48, 2015**. Boletim Epidemiológico, v. 46, n. 44, p.1-9, 2015. Disponível em: <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2015/dezembro/23/2015-049---Dengue-SE-48---para-publica----o-21.12.15.pdf>. Acesso em 18 jun. 2021.

CLARO, Lenita Barreto Lorena; TOMASSINI, Hugo Coelho Barbosa; ROSA, Maria Luiza Garcia. **Prevenção e controle do dengue: uma revisão de estudos sobre conhecimentos, crenças e práticas da população**. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 20, n. 6, p. 1447-1457, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/BpC6hcrZkSsK9drNxHzts8t/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 17 jun. 2021.

DA SILVA, Jéssica Fritz; MÉLO, Tainá Ribas.; BUENO, Roberto Eduardo; RIBEIRO Jr, Evaldo. **Vigilância epidemiológica dos casos e da incidência da dengue no litoral paraense durante pandemia de COVID-19**. Saúde E Meio Ambiente: Revista Interdisciplinar, n. 9, v. Supl.1, p 105–106, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.24302/sma.v9iSupl.1.3378>. Acesso em 18 jun. 2021.

DE ALMEIDA, Caio Américo Pereira; DA SILVA, Richarde Marques. **Análise da ocorrência dos casos de dengue e sua relação com as condições socioambientais em espaços urbanos: os casos de João Pessoa, Cabedelo e Bayeux, no estado da Paraíba-Brasil**. Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde, v. 14, n. 27, p. 56-79, 2018. Acesso em 18 jun. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS. **Censo Demográfico de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ma/caxias.html>. Acesso em: 23 de junho. de 2021

MACIEL, Ivan José; JÚNIOR, João Bosco Siqueira; MARTELLI, Celina Maria Turchi. **Epidemiologia e desafios no controle da dengue**. Revista de Patologia Tropical/Journal of Tropical Pathology, v. 37, n. 2, p. 111-130, 2008. Acesso em 17 jun. 2021.

MARENGO, José A.; NOBRE, Carlos Afonso; SELUCHI, Marcelo Enrique; CUARTAS, Adriana; ALVES, Lincoln Muniz; MENDIONDO, Eduardo Mario, et al. **A seca e a crise hídrica de 2014-2015 em São Paulo**. Revista USP, São Paulo, n. 106, p. 31-44, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/110101/108684>. Acesso em 18 jun. 2021.

OLIVEIRA, Rafaela Mota; OLIVEIRA, Luis Raphael Mota **Epidemiologia da Dengue: análise em diversas regiões do Brasil**. Escola de Saúde do Exército: Revista Científica, v. 2, n. 2, p. 32-44, 2019. Disponível em: <http://www.ebrevistas.eb.mil.br/RCEsSEx/article/view/2432>. Acesso em 17 jun. 2021.

RIBEIRO, Andressa F.; MARQUES, Gisela R. A. M.; VOLTOLINI, Júlio. C.; CONDINO, Maria Lúcia F. **Associação entre incidência de dengue e variáveis climáticas**. Revista de Saúde Pública, v. 40, n. 4, p. 671-676, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/DJFn4n8LS4LXDxkSNbrLTCS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 18 jun. 2021.

PAIXÃO, Rudily de Souza; OLIVEIRA, Márcio Vasconcelos.; SOUZA, Claudio Lima **Dengue: aspectos epidemiológicos de um surto ocorrido em Barra da Estiva, Bahia, Brasil, em 2014**. Revista Baiana de Saúde Pública, v. 41, n. 4, p. 981-993, 2017. Disponível em: <https://rbsp.sesab.ba.gov.br/index.php/rbsp/article/view/2402/2358>. Acesso em 18 jun. 2021.

PENSO-CAMPOS, Jessica Mazutti; FRAGA, Eliane; CALDAS, Eduardo; SOMMER, Jussara Alves Pinheiro; PÉRICO, Eduardo. **Aspectos da paisagem e fatores socioeconômicos nos casos de dengue na cidade de Porto Alegre, RS**. Revista Brasileira de Geografia Física, v.11, n.5, p. 1846-1858, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/rbgfe/article/view/236110/30984> . Acesso em 02 jul. 2021.

TEIXEIRA, Maria da Glória; BARRETO, Maurício Lima; GUERRA, Zouraide. **Epidemiologia e medidas de prevenção do Dengue**. Inf. Epidemiol. Sus, Brasília, v. 8, n. 4, p. 5-33, dez. 1999. Acesso em 24 maio 2021.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abordagem centrada na pessoa 14, 15, 16, 20, 23, 25, 26, 27, 28

Alimentação complementar saudável 90, 91, 93

C

Câncer do colo uterino 29, 32

Centro cirúrgico 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47

Cirurgia segura 40, 41, 42, 43, 45, 46, 47

Consultório na rua 49, 50, 51

D

Dengue 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 89

Disfunções estéticas 122, 125, 126, 127, 132

Doenças ocupacionais 4, 6, 7, 10, 11

E

Epidemiologia 33, 70, 71, 78, 79, 80, 85, 99, 107, 110, 112, 121

Esporotricose humana 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109

Exame citopatológico 13, 30, 117, 118, 119

F

Febre amarela 72, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 84, 87, 88

H

Hanseníase 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39

M

Medicina preventiva 17, 78

Método de regressão linear 110, 112, 115

Microagulhamento 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132

N

NASF 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 18, 25, 27, 92

Notificações de infecção por sífilis 110

P

Pequenos agricultores 96, 97

Perfil epidemiológico 99, 101, 109

Planificação da atenção à saúde 1, 2

PlanificaSUS 1, 2, 3

Plantão psicológico 14, 15, 16, 22, 23, 24, 25, 26, 27

Promoção à saúde 4, 10, 101

R

Redes de atenção à saúde 1, 2

S

Saúde coletiva 12, 13, 60, 122, 133

Saúde do idoso 2, 49, 53, 58

Saúde do trabalhador 4, 5, 7, 11, 12, 13

Saúde pública 1, 9, 12, 13, 17, 33, 35, 38, 39, 43, 61, 64, 70, 71, 77, 78, 87, 88, 89, 91, 99, 100, 101, 103, 108, 109, 116, 117, 133

Sistema Único de Saúde 2, 5, 16, 17, 18, 27, 61, 64, 91, 103, 118

T

Transtorno mental 49

V





Vigilância sanitária 47, 96, 97, 98, 107

Z

Zoonoses 78, 99, 100

SAÚDE COLETIVA:

Face a face com a interdisciplinaridade

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br





2


Atena
Editora
Ano 2021

SAÚDE COLETIVA:

Face a face com a interdisciplinaridade

2

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Atena
Editora
Ano 2021